

A ESCOLA CONSERVADORA: UM CASO DE SUCESSO ESCOLAR IMPROVÁVEL

CONSERVATIVE SCHOOL: AN IMPROBABLE SUCCESS SCHOOL CASE

Andréa Moreira Amorim¹

Raiane Jéssica da Cruz²

Resumo

Os estudos sobre o sucesso escolar de alunos de camadas populares têm aumentado nos últimos anos e apontam a importância da participação familiar para tal êxito. A teoria da Reprodução Cultural mostra que a escola não é um fator de mobilidade social, ao contrário, ela sanciona e legitima as desigualdades. Considerando o papel da escola na conservação da hierarquia social, o texto pretende apresentar algumas ideias do pensamento de Bourdieu e outros autores, extraindo delas elementos teóricos que possam contribuir para tal discussão e abrir horizontes para novas ações pedagógicas. Assim, são apresentados e discutidos a concepção de Bourdieu acerca de sua visão de escola, bem como o conceito de capital cultural, econômico, simbólico e social; violência simbólica; boa vontade cultural; e aculturação. Também é apresentado brevemente o desenvolvimento da escola em nossa sociedade e, de modo conciso, pesquisas sobre sucesso escolar improvável. Por fim, discute-se como a escola deveria agir para desempenhar sua função precípua, a de reduzir as desigualdades sociais. O presente artigo, com base em uma pesquisa bibliográfica inicial, seguida de realização de entrevista descreve alguns dos principais resultados da investigação, entre eles que, embora a instituição escolar tenha uma importante função social, ela serve a interesses de classe e não contribui como um fator de transformação social.

Palavras-chave: Bourdieu. Escola. Conservação social.

Abstract

Studies on school success of students from socially disadvantaged classes have been increasing in the last years, and they reveal the importance of family involvement in school activities. Cultural Reproduction Theory tells us that school system – school – is not a factor of social mobility. Converseley, it sanctions and legitimizes inequality. Taking into account the role of the school in the maintenance of social hierarchy, this paper aims at outlining a few aspects of the theory with a focus on Bourdieu and other authors so that we can open new horizons for new pedagogical actions. This paper discusses the following aspects of the theory: school; social, symbolic, economic, cultural capital; symbolic violence; cultural good will and acculturation. We also focus our attention on both the development of education – school – in our society and researches on improbable school success. And finally, this paper discusses what should be done for the school to perform its main function of reducing social inequality. Based on a bibliographical research and followed by an interview, this paper presents some results of our work. For instance, although school system plays an important social role, the system serves the interest of a class and does not contribute to social change.

1 UNIPTAN. E-mail: ddeia21@gmail.com.

2 UNIPTAN. E-mail: raianejessica@outlook.com.

Keywords: Bourdieu. School. Social Conversation.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é interpretar e analisar com base na teoria de Bourdieu, como a educação mesmo sendo um dos acessos a possíveis posições elevadas na sociedade, acaba por ser um meio de exclusão para aqueles de origem popular, afinal a educação sempre foi pensada para a classe dominante. Neste sentido, percebe-se que, para se obter um nível escolar mais elevado, alguns fatores como a família e a colaboração de terceiros são fatores primordiais para a entrada e permanência no Ensino Superior.

A função de conservação social da escola, à luz da teoria de Bourdieu, constitui o tema central desta investigação – pensa Nogueira (2006, p. 9). Pierre Félix Bourdieu nasceu em 1930, na cidade de Denguin, na França. Foi um importante sociólogo do século XX. Graduou-se em Filosofia em 1954, na Escola Normal Superior e na Sorbonne, porém se dirigiu, a partir do período vivido na Argélia para as Ciências Sociais. Enveredou para a Antropologia e a Sociologia e foi um dos autores mais lidos nesses campos. Esse deslocamento parece estar relacionado com sua origem social modesta, pois era proveniente de uma família campesina. Morreu em 2002 na cidade de Paris deixando diversas obras e sua contribuição para diversas áreas da atividade humana, entre elas, o sistema educacional.

Até meados do século XX, predominava, nas Ciências Sociais e no senso comum, uma visão extremamente otimista em relação à escola. Ela era vista como uma instituição libertadora, pois “supunha-se que, através da escola pública e gratuita, seria resolvido o problema do acesso à educação e; assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos” (NOGUEIRA, 2006, p. 12). De acordo com Nogueira (2006, p. 13), predominava nesta visão a ideia de que “os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares”.

Nos anos 1960, período pós-guerra, os europeus resolveram intensificar os investimentos na educação, proporcionando acesso ao ensino a todos; visando ao crescimento econômico e ao progresso da nação. Com isso, pesquisadores entre eles, Bourdieu, perceberam, com base em pesquisas quantitativas da época, que a escola não é uma instituição através da qual se conseguiria ascensão social, pois na maioria dos casos a elite obtinha sucesso e a classe baixa, fracasso escolar. Assim, ocorre uma profunda crise da concepção de escola. A visão otimista é substituída por uma bem mais pessimista. É refutada a ideologia da escola como “instituição neutra”, que escolheria seus estudantes com base em preceitos racionais; e “libertadora”, através da qual seria resolvido os problemas de ordem econômica e social da sociedade.

A teoria da Reprodução Cultural, que teve como um dos pioneiros Bourdieu, mostra como o autor vê a escola na sociedade capitalista: “onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social; Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA, 2006, p. 15). A sociologia da educação francesa do autor tem o “capital cultural” como um de seus conceitos centrais. São os bens culturais socialmente valorizados, proporcionados, sobretudo pela família. Segundo Nogueira (2006, p. 41-43), o capital cultural é apresentado em três modalidades: objetivado (posse de objetos culturais); incorporado (cultura integrada no indivíduo, ou seja, postura corporal, domínio da língua culta, crenças etc.) e institucionalizado (posse de certificados que atestem a formação cultural). Segundo o teórico, esse capital é herdado e pode se transformar em outros capitais. Tais como: capital econômico, que são os recursos financeiros; simbólico que é o prestígio ou boa reputação que um indivíduo possui; e social que é o conjunto de relações sociais (amizades, parentescos) que podem beneficiar os indivíduos.

Além dos conceitos de “violência simbólica”, imposição da cultura de um grupo como a verdadeira ou a única existente; “boa vontade cultural”, esforço de apropriação da cultura dominante por parte daqueles que não a possuem; e “aculturação”, apropriação de uma nova cultura.

Tal teoria pode ser compreendida pelas obras de Nogueira (2006) e Bourdieu (2014). Essas obras permitem entender que o sistema escolar não é um fator que contribui para a mudança de classe econômica e social, segundo supunha-se, mas sim, um dos fatores mais eficazes na manutenção das diferenças sociais preexistentes. Já os estudos sobre trajetórias escolares bem-sucedidas nas camadas populares estão presentes em obras como as de Viana (2000) e Portes (2000). Considerando o papel da escola na conservação social, o objetivo do presente artigo é trazer alguns elementos teóricos que possam contribuir para essa discussão. Mais adiante, comentaremos sobre essas pesquisas; antes, sem a intenção de aprofundarmos o desenvolvimento da escola em nossa sociedade, ofereceremos um pouco de história da instituição escolar.

Para responder os objetivos da pesquisa, realizou-se uma investigação de caráter qualitativo e utilizou-se como principal instrumento de coleta de dados uma entrevista estruturada, realizada com um sujeito que, apesar de todas as limitações, adentrou o ensino superior, demonstrando como o aluno quanto a sua família desempenham um papel importante para que essa situação se configure.

A ESCOLA COMO CRIAÇÃO SOCIAL

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2009, p. 267), “a escola não existiu sempre, mas é uma criação social do homem”. Educar já significou apenas viver em um grupo social. As crianças acompanhavam os adultos em suas tarefas e aprendiam a imitá-los. Ou seja, através

da interação social, o indivíduo adquiria novos conhecimentos e interiorizava valores morais e comportamentos socialmente valorizados. Nesse sentido, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento. Não havia uma instituição de ensino, “o meio social, em seu conjunto, era o contexto educativo”.

Segundo Costa e Santa Bárbara (s.d., p. 14), na antiguidade, a família era o centro da educação. A sociedade era extremamente patriarcal, o pai tinha o direito sobre a vida e a morte da criança. A educação espartana dos meninos após os sete anos era voltada para as virtudes guerreiras, não focava a alfabetização. Em Atenas, perdendo seu caráter militar, a educação deveria formar as crianças para serem futuros governantes e imprimir neles amor à pátria e aos deuses. Em Roma havia a preferência pela educação doméstica sobre a educação escolar. Porém, ao longo do século V, início da Idade Média, Roma adotou as formas e os métodos da educação helenística (grega), surgindo, assim, a “escola primária”, destinada a ensinar a criança a ler, escrever e calcular. Nesse momento, foram introduzidas práticas de ensino menos violentas.

A partir da Idade Média, surgiram as primeiras escolas, ou seja, espaços específicos para a transmissão do saber. No entanto, poucos tinham acesso, pois eram destinadas à elite. Serviu aos nobres e depois à burguesia. No período feudal, havia a educação doméstica, as crianças eram educadas por famílias de classes sociais diferentes. Na era medieval, a educação ocorria nos mosteiros priorizando o ensino religioso sobre o intelectual. Nesse momento, era grande a responsabilidade dos monges e dos pais na educação das crianças.

Conforme Costa e Santa Bárbara (s.d., p. 12 - 13), nos séculos VIII e IX, dois grandes monarcas, Carlos Magno e Alfredo, o grande, pensaram numa escola que pudesse ser frequentada por pessoas humildes e criaram a “escola palatina e estatal”. Ainda no período de Carlos Magno, encontramos outro tipo de educação, a cavalheiresca, destinada ao primogênito. Após os sete anos, iniciava-se a formação da criança nobre como cavaleiro. Os conteúdos eram pobres do ponto de vista intelectual, priorizavam as destrezas físicas e corporais, pautada na instrução religiosa e militar. “Isso fez da escola ora lugar de aprendizado da guerra, ora das atividades cavalheirescas, ora do saber intelectual humanístico ou religioso” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009, p. 267).

Segundo os autores (*id.*, p. 267 - 268), com as revoluções do século XIX, a escola passou por modificações, entre elas a tendência à universalização, ou seja, ela deveria atender a todas as classes sociais e não somente a burguesia. A Revolução Industrial foi um fator decisivo das mudanças ocorridas nos séculos XIX e XX no Brasil, pois deslocou o trabalho das casas para as fábricas e com isso houve a necessidade de mão-de-obra qualificada, socializada e civilizada. Nesse sentido a escola seria a instituição responsável por fornecer conhecimentos básicos da língua, do cálculo e das tecnologias, preparando, assim, o indivíduo para o trabalho fabril. Com a necessidade de uma instituição especializada, começou a luta da classe trabalhadora pela

democratização do ensino, passaram a exigir o direito de acesso dos filhos à escola. Com isso, a instituição escolar universalizava-se e passava a adquirir as características que possui hoje.

Conforme as autoras supracitadas (*id.*, p. 266), o que vemos com o passar do tempo é a escola assumindo seu verdadeiro papel na formação de cidadãos críticos e se tornando reconhecida como uma das mais importantes instituições que fazem a “mediação entre o indivíduo e a sociedade”. Nesse contexto, para as autoras, a instituição escolar se torna responsável pelas transmissões culturais, de modelos sociais e de valores morais, e “permite que a criança seja humanizada, cultivada e socializada”. Ou seja, permite que a criança aprenda e se desenvolva a partir do contato com outras pessoas.

Vê-se, assim, a importância da instituição escolar para a sociedade. A escola já serviu a interesses da Igreja, do Estado e de classes como a nobreza, a burguesia e agora, a elite. Não se pode atribuir a ela apenas o papel na transmissão de conhecimentos científicos, pois tal instituição foi responsável pela formação de guerrilheiros, cavalheiros e monges; hoje, contribui na formação ética dos futuros cidadãos. No entanto, será que a escola está realmente contribuindo para o crescimento de uma sociedade justa e igualitária, levando a um ensino com equidade a todos?

A ESCOLA CONSERVADORA

“É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social” (BOURDIEU, 2014, p. 45). Por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu artigo 26, § 1º, determina que “toda pessoa tem direito à instrução [...] A instrução elementar será gratuita. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, está baseada no mérito”. Ou seja, nesta lei predomina a ideia de que todos têm acesso ao ensino superior e que a seleção é feita com base nos dons individuais do sujeito.

De acordo com Bourdieu (2014, p. 45) “um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais do que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às daquelas de um jovem de classe média”. Isso porque as crianças ricas possuem o privilégio cultural, ou seja, têm mais contato com bens culturais reconhecidos socialmente (teatro, música, pintura, jazz, cinema etc.), e com isso herdam saberes, hábitos e gostos, o que contribui para uma trajetória escolar bem-sucedida. A frequência a bens culturais depende estritamente do nível de instrução do sujeito. Assim, pode-se perceber que as pessoas que possuem maior capital cultural têm mais chance de sucesso escolar.

Na elite, por possuir um grande volume de capitais (cultural, econômico, simbólico e social), o investimento na carreira escolar dos filhos apenas sanciona o sucesso, pois o êxito escolar é algo natural. A classe alta garante o ensino superior para os filhos com o intuito de

mantê-los na posição social. Já a classe média investe pesadamente na educação, pois vê na escola a forma de ascensão social, ou seja, chegar à elite. Para tanto, reconhece a cultura dominante (a da escola) como a verdadeira e apropria-se dela, ou seja, possui “boa vontade cultural”. Por fim, a classe popular vê a educação como um investimento secundário, pois prioriza o trabalho em busca da sobrevivência. Aqueles de classe popular que conseguem ingressar no ensino superior encontram inúmeras dificuldades.

As obras de Nogueira (2006) e Bourdieu (2014) expõem as causas de a escola realizar a manutenção da ordem social, pois, conscientemente ou não, a escola privilegia os membros da camada superior. Ao ensinar conteúdos elitizados, realizar a “violência simbólica” (imposição da cultura como a melhor, a única ou a verdadeira) e a superseleção (por meio da evasão escolar, reprovações, processos seletivos como o vestibular, etc.) e tratar os educandos, por mais desiguais que eles sejam, como iguais, “o sistema escolar é levado a dar sanção às desigualdades iniciais diante da cultura” (BOURDIEU, 2014, p. 59).

Tais obras defendem, assim, que o êxito escolar depende estritamente da classe social e da quantidade de bens culturais acumulados. O sucesso escolar pode ser explicado pelo nível cultural global da família; residência; conjunto de características do passado escolar, por exemplo, com o ramo do ensino médio e tipo de estabelecimento; características demográficas do grupo familiar, como o tamanho da família; entre outros. Sendo assim, não se pode atribuir o sucesso na trajetória escolar aos dons individuais do educando, mas a um conjunto de fatores que podem levar à continuidade dos estudos, diretamente relacionados à posição social.

Assim, um garoto que more em uma favela dificilmente será médico. Mesmo que ele se esforce para obter um grau de cultura maior, dificilmente alcançará seu objetivo. Ele terá que superar inúmeras dificuldades, como manter-se na escola, entendendo sua linguagem e sua dinâmica, arcar com todos os gastos que ela demanda – transporte, material, atividades extras etc. Por outro lado, um garoto de família rica ou de classe média, mesmo que não frequente a escola, dificilmente perderá seu padrão de vida e seu lugar social. Então, se decidir ser motorista de caminhão, logo poderá se tornar um empresário do transporte (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009, p. 270).

Para Lahire (1997), são as características da organização familiar que explicam trajetórias escolares bem-sucedidas na inexistência - total ou parcial - de capital cultural. Um fator sozinho não explica o êxito. Há um conjunto de fatores que agem por interdependência. Somente via escola, dificilmente um aluno pobre chegará ao ensino superior, pois ele não possui o capital cultural da classe alta, nem a “boa vontade cultural” da classe média. Necessita de um conjunto de condições de possibilidade para chegar à universidade e se manter nela, tais como: um ambiente familiar organizado e estruturado, participação e apoio familiar, ajuda financeira de parentes e/ou bolsas de estudos, grupo de estudos na escola e/ou na universidade, apoio de terceiros (professores, amigos, e todos aqueles que já conhecem o

sistema), a difícil conciliação entre trabalho e estudo, entre outros. Sobre esse assunto, tomamos como referência as pesquisas de Viana (2000) e Portes (2000).

Viana (2000), em sua tese, investigou a trajetória de sete sujeitos de camadas populares: estudantes de graduação e pós-graduação em cursos altamente seletivos. Ela avaliou casos específicos, mas não isolados. Os parâmetros estruturantes da análise em que se baseou para realizar sua pesquisa foram: os significados que a escola assume para os filhos-alunos e para os pais; as disposições e condutas em relação ao tempo (como vislumbram o futuro); os processos familiares de mobilização escolar (as atitudes práticas das famílias em relação à escola); outros grupos de referência para o filho-aluno na família ampliada e/ou exterior a ela; e os modelos socializadores familiares (formas de educar no interior da família, que podem ser facilitadoras ou dificultadoras). Viana pôde concluir em sua pesquisa micro que todas as famílias investigadas “participam da construção do sucesso escolar dos filhos de modo diferenciado, nem sempre facilmente visível e voltado explícita e objetivamente para tal fim” (VIANA, 2000, p.58). Enfim, as famílias investigadas desempenharam papel importante na trajetória dos estudantes e foram de suma importância para que os mesmos obtivessem êxito escolar.

Já Portes (2000) mostrou o papel grupo familiar na vida escolar dos filhos de classe baixa. O autor pesquisou um grupo de seis universitários e suas famílias. Chegou, por meio de sua investigação, a um conjunto de circunstâncias atuantes como: a presença da ordem moral doméstica; a atenção para com o trabalho escolar do filho; um esforço para compreender e apoiar o filho; a presença do outro na vida do estudante; a busca da ajuda material; e a existência e importância de um duradouro grupo de apoio construído no interior do estabelecimento escolar. Concluiu, com base nos dados, que havia um enorme esforço das famílias pobres investigadas para contribuir na construção de uma trajetória escolar de sucesso dos filhos. “Podemos afirmar que, em todos os casos vistos por nós, o trabalho escolar da família [...] foi imprescindível para o estudante ter trilhado a trajetória escolar (e social) que trilhou e o é, ainda, para se manter na posição ocupada no interior da universidade” (*ibid*).

O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons (BOURDIEU, 2014, p. 66).

E assim, a instituição escolar alega que dá condições iguais a todos e os estudantes pobres chegaram à universidade porque desempenharam papel ativo na construção de seu sucesso escolar e reconheceram a superioridade da cultura dominante (a da escola). Tal alegação é equivocada, visto que não leva em conta que o sistema escolar foi feito para o aluno “normal”, aquele que não tem dificuldade de aprendizado, que não possui limitações psíquicas e motoras, que possui um bom ambiente familiar e apoio dos pais nos trabalhos

escolares, que possui meios para custear os estudos (transporte, material escolar, etc.), entre outros.

Ao tratar todos os educandos como iguais, sem respeitar as suas peculiaridades, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, à medida que as legitima. “Aliás, o fracasso é explicado basicamente pela falta de empenho e esforço do aluno. No máximo, chega-se a responsabilizar os pais pelo insucesso do filho. Nunca a escola se responsabiliza, ela sai ilessa dessas avaliações” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009, p. 269). Vê-se, assim, que a escola sai isenta da responsabilidade pelo fracasso escolar dos alunos e utiliza os casos de sucesso escolar improvável para legitimar o mérito do educando.

ALGUMAS CONDIÇÕES DE SUCESSO ESCOLAR IMPROVÁVEL

De acordo com Bourdieu, os casos que fogem à regra são considerados casos de sucesso escolar improvável. O estudo de caso da presente pesquisa buscou investigar um sujeito que venceu as barreiras inerentes a sua condição de classe. Pesquisamos uma mulher de 43 anos, graduada em Psicologia, com mestrado em Psicologia. Além disso, é especialista em Alfabetização, especialista em Saúde Mental, especialista em Desenvolvimento Humano, especialista em Saúde Mental na Infância e Adolescência. Atualmente atua como psicóloga de uma rede municipal de Minas Gerais.

A trajetória da jovem é marcada pela presença de pessoas importantes em sua trajetória como a do tio paterno, que por não ter tido oportunidade de estudar, tornou-se um autodidata, mas foi um grande incentivador porque começou a cobrar maior dedicação aos estudos. O avô paterno, por ser analfabeto, também foi um incentivador, segundo a entrevistada, dizia as dificuldades que tinha por ser analfabeto. O professor de história da 8ª série, muito exigente, dizia que não podia se contentar com pouco no que diz respeito aos estudos. Já no ensino médio, um professor de português a incentivou a fazer graduação. O pai que fora apenas alfabetizado pela tia paterna não possui certificação via escola e a mãe, moradora da zona rural, estudou até a 4ª série. Os pais sempre apoiaram os filhos, pois sabiam que através da escola teriam mais oportunidades na vida. Porém, não estava nos planos a entrada da filha para a universidade.

Segundo Nadir Zago, muitos aspectos devem ser levados em consideração quando se diz respeito na configuração de percursos singulares de sucesso e que constituem fatores escolarmente rentáveis, como:

a mobilização familiar voltada para as atividades escolares dos alunos, as práticas de socialização e a transmissão de valores, o apoio sistemático de um professor, a demanda escolar relacionada à atividade profissional, o tipo de trajetória social e escolar, entre outras situações, podem tornar-se fatores escolarmente rentáveis na definição de percursos singulares com características distintas das de colegas da mesma idade e origem social. (ZAGO, 2000, p. 35)

A mãe da jovem era lavadeira e fazia doce de batata para vender, além de ajudar o marido na lavoura. O pai era lavrador, assalariado e prestava serviços para fazendeiros da região. Depois de trabalhar para alguns fazendeiros, começou a trabalhar como caseiro em um sítio próximo da cidade, principalmente porque a filha e o irmão, um ano e meio mais velho que ela, começaram a estudar e acharam melhor ir para a cidade.

A trajetória escolar da entrevistada ocorreu de forma linear, ou seja, não houve interrupção alguma, mas até a 7ª série considerava-se uma aluna mediana. Apesar de nunca ter ficado de recuperação, não tinha excelentes resultados. A partir da 8ª série, passou a se dedicar mais aos estudos. O apoio dos pais sempre esteve presente, porém foi necessário atingir um grau de amadurecimento para compreender a importância da escola. No 2º ano do Ensino Médio, optou com o apoio dos pais em não trabalhar para ter mais tempo de dedicação aos estudos. Já no 3º ano, deu aulas particulares para ter uma renda e pela flexibilidade de horários.

Nunca frequentou nenhum cursinho preparatório e por isso desde o 2º ano do Ensino Médio precisou se dedicar, como declara:

Desde o início do 2º ano do Ensino Médio, todas as noites estudava durante duas horas, me preparando para o vestibular. Como meu avô adoeceu, levava os livros para o hospital e estudava enquanto cuidava dele. Na época não tinham os materiais que tem hoje, tinha que pegar os livros na íntegra e rendia muito menos. Não tinha a facilidade que hoje tem.

Sobre a escolha do curso universitário, anteriormente pensava em fazer Odontologia, talvez pelo campo de trabalho ser melhor, mas reconhece que na época não tinha maturidade para decidir. E foi através de um teste vocacional que descobriu sua vocação para a área de humanas. Pensou em fazer Pedagogia, pois imaginou que na cidade não tivesse o curso de Psicologia e não teria condições de morar fora. Ao descobrir que a faculdade oferecia o curso pretendido, optou por Psicologia como afirma:

nas opções do vestibular coloquei Psicologia noturno na primeira opção e Psicologia diurno na segunda, ou seja, faria psicologia de qualquer jeito. Comecei a me informar pelo curso e percebi que poderia trabalhar com crianças, que eu sempre gostei. A única psicóloga que eu conhecia foi a que eu fiz o teste vocacional.

Apesar de estudar em uma turma heterogênea na universidade, segundo ela, os alunos mais pobres tinham o apoio dos colegas e professores. Alguns professores chegaram a levar alguns alunos para morar com eles ou davam o dinheiro para o aluno pagar o aluguel; ofereciam serviços para esses alunos que moravam longe de casa. Essa solidariedade pode ser apreendida em um depoimento da entrevistada:

[...] os alunos faziam grupos de estudos para ajudar aqueles que tinham uma maior dificuldade nas matérias; faziam vaquinha para pagar o xerox dos alunos mais pobres; emprestavam os livros. Por isso eu tive uma experiência maravilhosa na universidade, mas não só experiência de aprendizado, mas de amadurecimento.

E sobre as condições de permanência na universidade declara que amou o curso do primeiro ao último período. A partir do 4º período, começou a ter contato com a prática em uma escola municipal da cidade e cita:

Durante todo o período, dei aulas particulares e foi aumentando o número de alunos, com isso pude me manter na universidade, tirar xerox, me alimentar. Nunca fui muito consumista, o meu investimento maior sempre foi e é nos estudos. Meus pais não pagavam aluguel, o que contribuiu, pois eu não ajudava nas despesas de casa, além de eu ter somente um irmão. Fiz 5 anos de inglês já pensando no mestrado. Morei com meus pais, o que facilitou, porque eu não tinha nenhum gasto extra, o que ganhava era para investir no curso. É muito bom morar na casa de mamãe, não aconselho ninguém a sair. O curso noturno tinha previsão de cinco anos e meio, mas optei por fazer disciplinas também durante o dia e finalizei em quatro anos e meio, pois queria ter retorno financeiro rápido. Durante o curso, fui monitora de algumas disciplinas para ajudar nas despesas e aprender mais.

Algumas das histórias de sucessos escolares improváveis encontradas não podem ser explicadas por meio de práticas de leitura, de escrita ou de organização das atividades domésticas das famílias. Lahire (1997) procura-as nas relações entre pais e filhos, principalmente no tocante às atividades escolares. Assim, para ele, são as características da organização familiar que explicam trajetórias escolares bem-sucedidas na existência – total ou parcial – de capital cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, com base na pesquisa bibliográfica, que a responsabilidade da escola na conservação da estrutura social é significativa. Percebe-se também que quanto mais capital cultural, maiores as chances de rendimento e continuidade escolar, que o êxito escolar está diretamente relacionado à posição social do sujeito e que o acesso à escola é desigual, de modo que a elite avança em suas carreiras escolares mais frequentemente do que os membros da classe popular. Portanto, embora a escola tenha uma importante função social, da forma como se organiza, ela privilegia a classe mais abastada.

Com Bourdieu, percebemos o surgimento de uma visão mais pessimista em relação à escola. O autor aponta para a importância de o sistema escolar considerar a hierarquia social e o nível de instrução dos indivíduos no processo de aprendizagem. Hoje, a instituição escolar utiliza os sucessos escolares improváveis para alegar que todos concorrem no sistema de ensino em condições iguais e estes obtiveram sucesso por mérito próprio. Com isso visa isentar-se da responsabilidade na perpetuação da ordem social. Buscar as ideias de Bourdieu e aplicá-las nos dias atuais, é primordial para o educador, pois elas devem ser utilizadas no

campo educacional com o intuito de fazer com que a escola cumpra a função que lhe cabe, a de reduzir as desigualdades.

A análise dos dados mostrou que a trajetória da entrevistada foi marcada por alguns elementos importantes necessários para o curso escolar. Destaca-se o investimento da família e o papel do outro no curso da educação básica bem como durante o curso do Ensino Superior.

Como os dados da entrevista apontam, embora os pais do sujeito pesquisado não tenham a educação básica completa, acreditam na importância da escola para a ascensão social. Houve participação da família na vida escolar do sujeito. Havia grande incentivo para a escolarização prolongada. Além de apoio de terceiros, professores e colegas de curso, para a permanência na graduação. Segundo os dados mostraram, alguns professores ajudavam financeiramente os alunos pobres. Assim, pode-se concluir que o papel da família e de terceiros (professores, amigos) foi fundamental no percurso escolar da aluna-filha.

Os estudos referentes ao êxito escolar nas camadas populares de Portes e Viana mostram que a participação da família é imprescindível para o aluno ter chegado ao ensino superior e se manter nele. Mais uma vez é possível compreender que o sucesso escolar não é uma questão de dons, mas sim de condições que possibilitam a entrada na universidade. Sendo as características da organização familiar um fator decisivo.

De acordo com Bourdieu (2014, p. 68), predomina a ideia de que “deixando de dar a todos, através de uma educação metódica, aquilo que alguns devem ao seu meio familiar, a escola sanciona, portanto, aquelas desigualdades que somente ela poderia reduzir”. Assim, para aqueles sujeitos que não possuem outras estratégias para se manter na escola, como a entrevistada, a minimização do problema só seria possível se o sistema escolar se dotar dos meios para que a classe baixa possa adquirir mais capital cultural. Para tanto, a escola deve propiciar o acesso às obras culturais, levando os alunos aos museus, teatros e concertos com frequência regular, desempenhando a função de “desenvolver em todos os membros da sociedade, sem distinção, a aptidão para as práticas culturais que a sociedade considera como as mais nobres” (BOURDIEU, 2014, p. 69 e 70). Além de tratar os educandos com equidade (equivalência, respeitando as suas particularidades) e não com igualdade.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>. Acesso em 05 de novembro de 2015.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Mara de Lourdes Trassi. *Psicologias – Uma introdução ao estudo de psicologia*. 14ª edição. São Paulo:

Saraiva, 2009. p. 266-277.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: Escritos de educação*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 42-72.

COSTA, Leila Pessôa da; SANTA BÁRBARA, Rubiana Brasilio. *A educação da criança na idade antiga e média*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. s. d., p. 1-15.

LAHIRE, B. *O sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Bourdieu e a educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PIOTTO, Débora Cristina. *A escola e o sucesso escolar: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu*. Ribeirão Preto: USP, 2009.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 61-

80.

ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Vozes, 2000. p.17-43.

VIANA, Maria José. Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 45-60.